



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

LARISSA FERNANDA TEIXEIRA LIMA  
MARINA DE LIMA NEMESIO

**A agressividade nos textos do jovem Lacan**

Maceió/AL



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

LARISSA FERNANDA TEIXEIRA LIMA  
MARINA DE LIMA NEMESIO

### **A agressividade nos textos do jovem Lacan**

Trabalho de Conclusão de Curso como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas, sob orientação do Prof. Dr. Charles Elias Lang.

Maceió/AL

## A agressividade nos textos do jovem Lacan

Larissa Fernanda Teixeira Lima

Marina de Lima Nemesio

### Resumo

Lacan publicou **Os Complexos Familiares** em 1938, momento no qual sua principal influência sociológica era Émile Durkheim. Em 1953, houve uma grande virada epistemológica, com a introdução de Lévi-Strauss, o discurso de Roma e a entrada do ensino de Lacan no que ficou convencionalmente conhecido como período do Imaginário. Mas em que esse “jovem Lacan” (Zafiroopoulos, 2002) anterior aos anos 1950 pode contribuir para a investigação do conceito de agressividade? Este ensaio tem como mote a análise deste conceito-chave. Para tanto, utilizamos o seguinte conjunto de textos, produzidos entre 1938 e 1949: **O estádio do espelho como formador da função do eu** (1949/1998c), **Os complexos familiares na formação do indivíduo** (1938), **A agressividade em psicanálise** (1948/1998b) e **Formulações sobre a causalidade psíquica** (1946/1998a). Como método, utilizamos a leitura próxima, atenta e desconstrutiva, fundamentada em Figueiredo (1999). Concluiu-se que a agressividade está presente em todo o processo de desenvolvimento e constituição psíquica cujas formas variam de acordo com seus determinados contextos culturais, sociais e históricos.

**Palavras-chave:** Agressividade, constituição psíquica, estádio do espelho, Jacques Lacan. Psicanálise.

### Abstract

**Key Word:** Aggressivity, psychic constitution, mirror stage, Jacques Lacan.

### Introdução

No campo lacaniano, tende-se a utilizar a expressão “retorno a Freud” para designar um período determinado do ensino de Lacan, em que o autor se encarregou da tarefa de revisitar alguns conceitos freudianos. Esta é uma expressão empregada pelo próprio psicanalista já em 1953, quando do discurso de Roma, **Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise**, que serve como baliza para a entrada de Lacan na dimensão simbólica (Correia, Xavier & Lang, 2021).

Mas voltemos um pouco no tempo. Lacan estudou medicina em um período que, de acordo com Roudinesco (2008), o freudismo ainda estava em ascensão no meio intelectual francês. Suas primeiras publicações, embora já falassem de temas como a psicose paranoica e a erotomania, não eram escritos psicanalíticos. Até aqui, estamos falando de um Lacan totalmente não-freudiano. Somente em 1932, com o caso Aimée, sua tese de medicina, aconteceria uma transição entre psiquiatria e psicanálise.

Ainda em 1936, Lacan começou a frequentar o seminário de Alexandre Kojève sobre a fenomenologia do espírito de Hegel. “Apoiando-se em Henri Wallon, Alexandre Kojève e Alexandre Koyré, inventou uma teoria do sujeito que, embora ligada à revolução freudiana, dava-lhe um novo conteúdo” (Roudinesco, 2008, p. 115). Dois anos mais tarde, a pedido de Henri Wallon e Lucien Febvre, Lacan escreveu *La famille*, um verbete que entraria no vol. VIII da **Encyclopédie française** e que mais tarde seria reeditado e republicado sob o título **Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia** (1938).

É interessante observar que, segundo Zafirooulos (2002), nessa época, a principal influência sociológica de Lacan era Émile Durkheim. Adiante, em 1953, houve uma grande virada epistemológica, com a introdução de Lévi-Strauss, o discurso de Roma e a entrada do ensino de Lacan no que ficou convencionalmente conhecido como período do Simbólico. Mas os textos desse “jovem Lacan” (Zafirooulos, 2002) - ou seja, os escritos entre 1938 e 1949 - poderiam contribuir para uma investigação do conceito de agressividade? Este ensaio tem como mote a análise deste conceito-chave.

Nosso ponto de partida foi a inquietação existente nos discursos contemporâneos e na afirmativa de um crescimento generalizado das expressões de agressividade no seio da vida social. A presença constante e o aumento destas expressões tem-se justificado, em alguns campos do saber psicanalítico, como concomitante a um declínio generalizado da função paterna, declínio de um terceiro que viria dificultar as dialéticas especulares. A partir disso, a pesquisa retorna aos textos: **Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia** (1938/1998), **Formulações sobre a causalidade psíquica** (1946/1998a), **A agressividade em psicanálise** (1948/1998b) e **O estádio do espelho como formador da função do eu** (1949/1998c).

Buscamos compreender e analisar nestes textos o modo como se articula a origem dos fenômenos da agressividade humana e a constituição psíquica. Diante disto, é importante nos perguntarmos como Lacan trata o conceito de agressividade nos anos que se estendem de 1938 a 1949 – antes do começo oficial de seu ensino e da influência da antropologia estrutural de Claude Lévi-Strauss [1908-2009], a fim de investigar se a agressividade estaria implicada na própria constituição psíquica. Desta forma, exercitamos a compreensão de que a produção de um texto se afigura como tentativa de transmitir um determinado sentido com base em certas estratégias utilizadas em sua confecção e de que toda relação com um texto é uma interpretação ou um modo de leitura. Tal entendimento nos permite conhecermo-nos que todo texto pode ser lido de formas distintas para que possa ser apreendido.

## Questões Metodológicas: Psicanálise e Desconstrução

Esta pesquisa toma como objeto e fonte de pesquisa um conjunto de textos lacanianos escritos entre 1938 e 1949, mencionados anteriormente. Considerar Lacan como um conjunto de textos a serem lidos e interpretados introduz a orientação metodológica dessa pesquisa psicanalítica: uma estratégia de leitura-escritura desconstrutiva, efetivada por três modos de ler, acompanhar e interpelar, a leitura clássica/sistematizante, a leitura hermenêutica e a leitura próxima, atenta e desconstrutiva (Figueiredo, 1999).

A leitura clássica/sistematizante baseia-se em dois pressupostos metafísicos. O primeiro diz respeito ao **sentido** como aquilo que transcende o texto; o segundo se refere a **unidade**, o sentido dito ideal a ser alcançado na leitura, concebido como algo que prevalece e precede a diferença. Assim, o sentido é dado pelo autor e pode ser acessado pelo leitor, tal qual o autor “quis dizer”. A leitura clássica é considerada dogmatizante, pois protege e engessa o sentido apriorístico do texto, ou seja, desconsidera-se a polissemia do texto, o acaso, as traduções, as ambiguidades, a época e contexto da escrita, bem como o momento no qual o leitor está situado. O sentido mantém-se fixo e intrínseco, sendo assimilado à medida que o leitor é conduzido - pelo autor - em sua leitura (Figueiredo, 1999).

Para implementar a leitura clássica, além do *corpus* textual laciano descrito, consideramos outros autores-leitores e críticos de Lacan para dialogar, questionar e construir sentidos sobre o conceito de agressividade do jovem Lacan. Foram utilizados textos como **Lacan y las ciencias sociales: la declinación del padre (1938-1953)** (2002) do sociólogo e psicanalista francês Markos Zafirooulos; e **El imaginario, narcisismo y agresividad en psicoanálisis: del joven Lacan a la violencia urbana** (2011) do psicanalista Patricio Rojas Navarro.

No modo de leitura hermenêutica, interpretar “envolve a aceitação, a procura e/ou a construção de um fundo para que algo se configure” (Figueiredo, 1999, p. 10). Desta forma, será necessário considerar e problematizar os contextos ou horizontes externos e internos ao texto. Nessa concepção de leitura, por sua vez, **contextualizar/descontextualizar/recontextualizar** os horizontes do leitor e do texto são imprescindíveis para interpretar e engendrar sentidos. Os horizontes externos posicionam o texto num cenário histórico e contingente. Já os horizontes internos são as redes intratextuais que conectam os elementos do texto, atribuindo-lhes lugar, função e sentido. As leituras hermenêuticas consideram os pressupostos do leitor, os pressupostos do autor, assim como o contexto histórico e social de produção do texto, como balizas na construção de sentidos.

No que concerne essa pesquisa, a leitura hermenêutica dos textos do jovem Lacan teve em vista (re)construir seus horizontes externos e internos. Os horizontes externos refletem o contexto histórico, social e político de escrita do texto, por exemplo, sobre quais questões Lacan se debruçava na década de 1930-1940; a conjuntura da psicanálise francesa neste período; e por que Lacan escreveu sobre a família, psiquismo, narcisismo e psicopatologia. Para isto, utilizamos escritos biográficos da psicanalista Elisabeth Roudinesco: **La batalla de cien años: historia del psicoanálisis em Francia Vol II** (1993) e **Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento** (2008). Os contextos internos circunscrevem os arcaísmos teóricos e filosóficos que influenciaram as teorizações de Lacan no período citado, tais como: a prova do espelho de Henri Wallon; o conceito de transitivismo de Elsa Köhler e do próprio Wallon; o complexo de Édipo, o narcisismo e a segunda tópica da teoria freudiana; a psicologia concreta de George Politzer; o estudo sobre a família conjugal advindo da sociologia de Émile Durkheim.

A terceira modalidade de leitura - próxima, atenta e desconstrutiva - deriva da *déconstruction* do filósofo franco-argelino Jacques Derrida. O termo “desconstrução” tornou-se usual no cotidiano acadêmico dos institutos de ciências humanas e sociais das universidades. De antemão vale ressaltar que a desconstrução não deve ser entendida como um conceito, um método, uma crítica, ou uma análise, posto que visa subverter as noções de conceito e método. Para Derrida (1987/1998), o neologismo desconstrução não dispõe de uma significação clara e unívoca; contudo, enfatiza que esta não consiste numa destruição. Em termos gerais, desconstrução é uma atitude que propõe a decomposição e a dessedimentação de estruturas filosóficas, históricas, literárias, linguísticas, políticas, socioculturais, como também “a compreensão da construção de um ‘conjunto’, revelando seus pressupostos, sua sintaxe, sua semântica e pragmática, suas ambiguidades e contradições” (Correia, Xavier & Lang, 2021). A atitude desconstrutiva permite a reconstrução destas estruturas, a expansão de seus limites e de seu alcance (Derrida, 1987/1998). O que Derrida inaugura é a indecidibilidade do significado, a partir de uma **lógica não-identitária**, ancorada na heterogeneidade da textualidade, “constituída de diferenças e de diferenças de diferenças” (Derrida, 1972/2005, pp. 52-53).

A indecidibilidade do significado determina o que Figueiredo (1999) demarca como uma premissa fundamental na leitura/interpretação. A leitura desconstrutiva parte do pressuposto de que não há um sentido anterior e que transcende o texto; o sentido é produzido no encontro do leitor com o texto, bem como do encontro com as intenções e produtos não-intencionais do autor.

Uma leitura guiada por uma atitude desconstrutiva parte da ideia de que o leitor tem diante dele um texto escrito, “cujas unidades de sentido estão implicadas numa rede de traços diferenciais, destituídas de um significado prévio, central e único” (Correia, Xavier & Lang, 2021, p. 26). O leitor não dispõe da assistência do autor, e mesmo que pudesse dispor desse auxílio, os traços diferenciais do leitor **precedem e prevalecem** ante o pressuposto “querer dizer” do autor. Ler um texto psicanalítico de forma atenta, próxima e desconstrutiva significa avançar na exploração das tensões do texto, suas trilhas perdidas, tendo em vista a instabilidade e temporalidade de seu sentido clássico e apriorístico, para injetar vitalidade ao texto em análise.

Nessa pesquisa, ler, acompanhar e interpelar os textos do jovem Lacan a partir da estratégia metodológica de Figueiredo (1999) demandou atenção não somente às suas teses consensuais, ou ainda à elaboração do tecido histórico e contingente para produção de sentidos. No transcurso de uma leitura desconstrutiva, o leitor atento se mantém vigilante às “‘impurezas’, às ‘irregularidades’, às ‘fraturas’ de que o texto é feito, as alteridades do/no texto” (Figueiredo, 1999, p. 17). Essas impurezas, irregularidades e fraturas do texto nada mais são do que suas notas de rodapé, citações, interpretações, termos utilizados, a diagramação, notas do editor e/ou tradutor.

Os sentidos que dão corpo a esse artigo foram construídos no intertexto, na relação entre o texto e o pesquisador-leitor, no durante e no depois da leitura, considerando a ato de leitura como o acréscimo de um fio novo ao tecido do texto, ação emergente das exigências suplementares (Derrida, 1972/2005).

### **Os Horizontes de Escrita do Jovem Lacan**

A tecitura dos contextos externos e internos do jovem Lacan se inicia na década de 1930. Nesse período, Lacan era um jovem psiquiatra dedicado à clínica das doenças mentais no Hospital Saint-Anne, em Paris. O encontro de Lacan com o surrealismo foi o que o aproximou da psicanálise e propiciou uma transformação na apreensão da linguagem e teorização da paranoia. Ainda nessa época, Lacan iniciou sua incursão pela obra de Freud (Roudinesco, 2008). O resultado dessa combinação entre clínica psicanalítica, teoria freudiana, surrealismo e a filosofia de autores como Spinoza, Jaspers, Husserl, Nietzsche e Bergson culminou na escrita de sua tese de medicina, intitulada “Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade” (1932).

Desde 1936, à medida que Lacan se aproximou de um novo horizonte filosófico, a partir do convívio com Alexandre Koyré, Henri Wallon, George Bataille e Alexandre Kojève -

influências significativas em seu sistema de pensamento -, ele afastou-se do meio psiquiátrico (Roudinesco, 2008). Por intermédio de Kojève, debruçou-se sobre a filosofia hegeliana e a tríade conceitual: “**eu** [*je*] como sujeito do desejo, o **desejo** como revelação da verdade do ser, o **eu** [*moi*] como lugar de ilusão e fonte de erro” (Roudinesco, 2008, p. 150, grifo da autora) que embasaria sua teorização sobre a psicogenia da loucura e da essência da família nos textos publicados entre 1936 e 1949, a saber: **Os complexos familiares na formação do indivíduo** (1938/2002), **Formulações sobre a causalidade psíquica** (1946/1998a) e **O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica** (1949/1998c).

A influência de Henri Wallon no jovem Lacan se expressa no empréstimo (inspiração ou apropriação) da prova do espelho walloniana enunciada no livro **Les origines du caractere chez l'enfant: les préludes du sentiment de personnalité**, o alicerce experimental e psicológico para o desenvolvimento de seu conceito do estádio do espelho, ou ainda, a teoria da organização imaginária do sujeito, uma operação psíquica e ontológica, “matriz que proporciona, por antecipação, o devir imaginário do eu unificado e da alteridade, através de uma identificação com a imagem especular (Xavier, 2017, p. 46).

O termo “estádio do espelho” apareceu pela primeira vez em uma conferência em 1936, na qual Lacan explicava sobre a elaboração da constituição da realidade, porém, foi interrompido por Ernest Jones e, por esta razão, não publica o texto nos anais do evento e só o retoma e modifica treze anos depois. Enfim, este termo foi fundamentado a partir da experiência de Wallon, na qual crianças eram colocadas individualmente de frente ao espelho e, após determinado tempo, começaram a reconhecer seus corpos através da imagem refletida no espelho (Roudinesco, 2008).

No ano de 1938, Wallon convidou Lacan para participar da escrita do volume VIII da Enciclopédia Francesa, intitulado **La Vie Mentale**, mais especificamente no tópico **Circonstances et objets de l'activité psychique**. A Lacan coube a escrita da seção **La Famille** que mais tarde, em 1984, foi publicado sob o título **Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia**. O texto amálgama considerações clínicas e psicopatológicas, teoria psicanalítica, psicologia walloniana, estudos antropológicos, sociológicos e biológicos, a fim de compreender o *status* e a evolução da família ocidental (Roudinesco, 2008).

Convém salientar a influência do arcabouço sociológico de Émile Durkheim nos textos do jovem Lacan. De acordo com Zafiroopoulos (2002), de 1938 a 1953, a sociologia de



Durkheim foi basal nas primeiras teorizações psicanalíticas de Lacan, a ponto de elaborar a tese de **declínio social da imago paterna**, deduzida da lei da contração familiar durkheimiana.

O termo imago utilizado pelo jovem Lacan ao longo de seus textos, deriva da psicologia junguiana e se refere a inscrição das figuras materna e paterna no inconsciente, a partir das primeiras relações intersubjetivas reais e fantasmáticas com os componentes do círculo familiar (Roudinesco e Plon, 1998). Segundo Izcovich (2011), “a imago é definida como os restos, como o traço no psiquismo de uma relação. Logo, imago materna é constituída pelos restos da relação com a mãe biológica” (p. 13). Em 1946, Lacan elege a imago como o objeto próprio da psicologia, com a função de implementar a “identificação resolutive de uma fase psíquica, ou, em outras palavras, uma metamorfose das relações do indivíduo com seu semelhante” (p. 189).

A tese concebida por Lacan sinaliza o “empobrecimento do poder identificatório das famílias e a degradação do complexo de Édipo” (Zafiropoulos, 2002, p. 12), agora incapaz de garantir a harmoniosa constituição subjetiva e social do homem. A tese declinológica de Lacan (1938/2008) se organiza sobre tais pontos: a instabilidade da fecundidade subjetiva do complexo de Édipo, a depender da distinção da imago paterna no grupo familiar; a imago paterna está subordinada às condições sócio-históricas da estruturação e funcionamento da família; a **lei da contração familiar** norteou o advento da família conjugal patriarcal, cujo valor da imago paterna, para Lacan, aquela que fundamenta o complexo de Édipo, estaria em franco declínio.

Enquanto os complexos representam os “organizadores”, é então no estádio do espelho que ocorre a constituição psíquica, na qual Lacan (1949/1998c) aponta que “basta compreender o estádio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem - cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo imago”.

No pós-guerra, Lacan imergiu de vez na teoria freudiana, lendo-a à luz do hegelianismo. Outro ponto de virada diz respeito ao abandono do organo-dinamismo da psiquiatria para um reconhecimento da concepção estrutural e psicogenética do psiquismo. Ao se opor ao organo-dinamismo, Lacan sustenta a causalidade psíquica como causa única da loucura. Tais ideias foram apresentadas em 1946 no colóquio de Bonneval, sob o título **Formulações sobre a causalidade psíquica** (1946/1998a). Nesse texto, a causalidade psíquica fundamenta-se numa leitura hegeliana da loucura, especificamente, a dialética do senhor e do escravo e deriva numa fórmula geral da loucura.

Ainda nas **Formulações**, Lacan retomou a noção do estádio do espelho, defendido como um acontecimento que marca a gênese psicológica do homem, ao circunscrever a constituição das relações imaginárias fundamentais numa experiência exemplar de certa fase maturacional. Ao dedicar-se à psicogênese da loucura, Lacan abordou a questão do desfecho do delírio, para ele, motivado por um mecanismo que concerne à agressão suicida do narcisismo. Em síntese, ao atacar violentamente sua imagem ideal, atinge-se a si mesmo. Essas elaborações ganharam corpo textual no escrito sobre a agressividade apresentado em 1948, no XI Congresso dos psicanalistas de língua francesa, em Bruxelas.

Aqui chegamos ao tema motriz da presente pesquisa. No texto **A agressividade em psicanálise** (1948/1998b) Lacan revisitou temas postulados nos textos precedentes. O ponto de partida é uma leitura da segunda tópica, passando por uma distinção do eu [*moi*], referência imaginária, do eu [*je*], relativo a uma posição do sujeito. Lacan divide o texto em cinco teses, assim resumidas: na primeira tese a agressividade é descrita como uma experiência subjetivante; na segunda tese, sublinha que a agressividade se apresenta na experiência como intenção agressiva e imagem de desmembramento do corpo (compiladas nas imagos do corpo despedaçado). A terceira tese aborda o impulso de agressividade que desponta na técnica analítica, cuja transferência negativa infere uma paranoia dirigida. É nesse sentido que Lacan toma de empréstimo a ideia kleiniana da posição paranoide, na qual o eu é uma instância de desconhecimento sistematizada numa estrutura paranoica que não pode ser desconsiderada na experiência de análise, “posição que leva Lacan a concordar com a perspectiva de Melanie Klein acerca da necessidade de conceder um lugar primordial à transferência e de não fazer do eu o lugar de uma apropriação do isso” (Xavier, 2017, p. 52). A quarta tese destaca a questão da tendência agressiva correlata a uma posição narcísica de identificação, decisiva na estruturação do eu. Lacan empregou a noção de estádio do espelho para apresentar a gênese do eu e do objeto. Na quinta tese, o autor explana sobre a dialética hegeliana do senhor e do escravo para ressaltar a função da agressividade na ontologia do homem, classificada como uma das coordenadas intencionais do eu, vigente na neurose moderna e no mal-estar na civilização.

Na elaboração de suas primeiras teorias, o jovem Lacan manteve em foco a gênese do eu e do sujeito, condensando filosofia moderna alemã, a psicologia de Wallon e a teoria freudiana. Em 1949, Lacan participou do XVI Congresso da IPA realizado em Zurique. Treze anos depois do congresso de Marienbad (1936), Lacan retornou ao tema da especularidade numa explanação intitulada **O estádio do espelho como formador da função do eu [*je*] tal como nos é revelada na experiência analítica**. Essa exposição demarca um ponto de evolução

de seu pensamento, com uma leitura da segunda tópica e do narcisismo freudiano para elaborar sua teoria do imaginário.

Cabe frisar uma terceira influência filosófica do jovem Lacan. Trata-se do filósofo e teórico húngaro George Politzer (1903-1942), de quem Lacan elege o conceito de **psicologia concreta**. George Politzer publicou o livro **Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise** (1928/1998), que versa sobre epistemologia da psicologia e tem como objetivo implodir os pilares da psicologia científica, inaugurando, assim, uma tangível, ou seja, materialista. Lacan traz à tona os fundamentos principais do conceito de Politzer nos **Complexos familiares** e no texto **Formulações sobre a causalidade psíquica**. Em linhas gerais, este conceito se opõe à psicologia abstrata, a primeira toma por objeto o “drama da vida” humana, seus desejos, seu devir histórico, seus atos, considerando e respeitando suas idiossincrasias. Politzer associa uma subjetividade a uma dinâmica evolutiva, por essa razão discorda da perspectiva de um sujeito senhor de seus atos; ele toma o freudismo como instrumento, ao defender a psicanálise como psicologia científica, uma legítima psicologia concreta (Pastre, 2006).

### **A Agressividade no Jovem Lacan**

Tomamos como marco o texto **A agressividade em psicanálise** (1948/1998); contudo, o ponto de partida de elaboração do conceito de agressividade para Lacan data de 1936/38. Em seus respectivos textos **Os complexos familiares** (1938/2008) e **O estádio do espelho como formador da função do eu** (1949/1998c), Lacan elabora uma primeira concepção teórica da constituição psíquica do sujeito a partir da identificação com um outro.

No texto dos **Complexos Familiares**, Lacan está disposto a introduzir uma nova dimensão na realidade social e na vida psíquica, portanto, a partir de um ponto de vista social e estrutural, que não se reduz a explicações causais, biológicas ou hereditárias (como apontados por Freud), o pai, neste momento estaria ligado a uma função, não a uma figura necessariamente masculina, é “um complexo pelo qual a organização familiar permite com que a função de transmissão da cultura se realize na subjetividade” (Bispo et al., 2017). Esta concepção de família enquanto uma instituição social e cultural apontada por Lacan (1938), sofre influência da teoria social de Durkheim e, segundo Zafiroopoulos (2002), afasta-se da concepção biológica e universal da concepção freudiana.

É importante ressaltar que neste momento a ideia de imago está ligada a uma função social; aqui, não há literalmente uma ideia de função paterna, e sim de função social da imago paterna visto que, neste momento Lacan (1938) ainda não havia introduzido a ideia de

significante – operação psíquica que inscreve uma imagem. A imago paterna, para Lacan (1938), está diretamente associada a duas funções primordiais presentes na cultura e no Complexo de Édipo: a repressão dos instintos e a sublimação – que estão relacionadas a um modo de configuração social específico, a família patriarcal ocidental.

O declínio social da imago paterna associa-se então a uma imagem fragilizada, ausente de autoridade e fragmentada da transmissão da lei e da cultura. Ocasionalmente, por consequência, o aparecimento de novas formas de sofrimento – uma neurose contemporânea que configura-se de forma plural e que representa uma “evolução” das formas mais frequentes de sofrimento na época de Freud. As expressões que representam essa contemporaneidade parecem ser uma substituição da função do mestre (autoridade simbólica) – que já não possui reconhecimento social fora do espaço familiar.

Em **Os complexos familiares** (1938/2008), essa constituição se dá pelo encadeamento sucessivo de três complexos e suas respectivas imagos: 1) o complexo do desmame – imago materna; 2) o complexo de intrusão - imago do semelhante (também chamada de imago do duplo ou do outro); 3) complexo de Édipo – imago do pai.

Cada complexo, além da imago, também dispõe de um objeto, respectivamente: o seio materno, o outro como semelhante, o pai como objeto de identificação. À medida que descreve o percurso do devir psíquico do sujeito, Lacan elenca efeitos clínicos e sociais do que concebe como um “desenvolvimento normal”, além de destacar possíveis desfechos psicopatológicos em decorrência da fixação em algum dos complexos. No que se refere à ideia de família, Lacan vai diferenciá-la de uma identidade biológica pois, para ele, "a família primitiva desconhece os laços biológicos de parentesco". Assim, o que caracterizaria a família seria a sua função de transmissão da cultura. Portanto, quando nos referimos às estruturas psíquicas, estamos falando também sobre uma transmissão familiar adquirida por meio das relações sociais e não por fatores biológicos/hereditários.

Tabela 1. Correspondências entre complexos, imagos e objetos em Lacan.

COMPLEXO	IMAGO	OBJETO
Desmame	Materna	Seio materno
Intrusão	Semelhante/outro	Espelho

Édipo	Paterna	Pai
-------	---------	-----

Fonte: Lacan (1938/2008).

Sobre os complexos, cabe citar aqui que no primeiro deles - o complexo do desmame - Lacan (1938) menciona que ele “fixa no psiquismo a relação de amamentação”, o que dá forma a primeira imago materna, de acordo com a constituição dos primeiros sentimentos do indivíduo em relação a sua família. Há ainda uma relação entre o complexo do desmame e a lactação (função biológica), porém, Lacan dá ênfase na influência da cultura no desenvolvimento dos complexos. Para Zafiroopoulos (2002), o complexo poderá ser aceito ou recusado por meio de uma “escolha” inconsciente; dessa forma, o sujeito sublima a imago materna e, escolhe pela vida, tendo acesso ao grupo social, ou cede a um desejo mortífero, podendo desenvolver patologias.

Diante disto, podemos então ressaltar a necessidade da sublimação da imago materna, tornando possível o primeiro contato com o grupo social. Após essa sublimação, a imago materna é substituída pela imago do semelhante ou pela imago do irmão. Assim, surgirá então o complexo da intrusão, onde o sujeito poderá antecipar a unidade do seu corpo por meio da unidade de imagem do semelhante no espelho. A admiração libidinal com a imagem desse semelhante causa uma confusão entre o que seria o próprio eu e o eu que está na imagem do espelho. É através de uma identificação que se possibilita a construção da imagem ideal de si mesmo, o Eu Ideal.

Como segundo momento desse desenvolvimento surge o complexo de intrusão, que também se corresponde com o terceiro, no caso, o estágio do espelho sendo uma “identificação na qual o sujeito assume uma imagem de si” (Lacan, 1949/1998c). É nesse momento que a imago do seio materno é substituída pela imago do semelhante, onde, de início, o sujeito interpreta e se confunde com a imagem de seu semelhante ao espelho. Posteriormente, essa admiração é instável e oscila entre a fascinação e a rivalidade, surgindo o transativismo - e é nesse ponto que aparece os primeiros sinais de ciúme e agressividade, pois o sujeito se vê ameaçado por um rival que também poderá roubar seu lugar (Navarro, 2011).

De acordo com Zafiroopoulos (2002), Lacan não menciona o autoerotismo, pois o eu ainda não está completamente constituído; o eu só existirá quando houver uma imagem de si mesmo. No estágio do espelho, o corpo é percebido ainda de forma fragmentada para depois

ser inserido um Outro social; ou seja, é por volta dos seis meses que a criança vai se percebendo, através do corpo da mãe; se reconhece a partir do outro.

Quando Lacan dizia que o sujeito está situado em uma linha de ficção, ele se referia basicamente a essa identificação que ocorre no plano do imaginário e na ordem do especular, onde o eu se estrutura a partir do desejo do outro. Neste caso, todo o “dinamismo libidinal” necessita da estimulação do outro para se constituir. Neste processo, é necessário salientar que há uma transformação produzida no sujeito no momento em que o mesmo assume uma imagem, o amadurecimento que não se encerra com o reconhecimento da própria imagem, tal identificação é de ordem primária e levará o indivíduo às identificações secundárias ao longo de suas relações sociais/culturais e é com essa identificação que ocorre a passagem do imaginário ao simbólico. (Zafiroopoulos, 2002).

Ainda para Zafiroopoulos (2002), há no estádio do espelho uma diversidade de mudanças identificatórias com “função de normalização” da libido ou de sua redefinição no que tange a sua relação com o outro. Porém, essa experiência do espelho não estabelece no indivíduo uma imagem fixa, pois sua imagem é algo que está exterior a ele - nem é dele como um todo, nem é toda do outro. Assim, ao reconhecer-se no espelho, o indivíduo passa a se interessar não pela simples imagem que aparece ali, mas pelo fato de poder enxergar-se através do olhar do outro, não de si.

Para Lacan (1949), a constituição reconhecida no estádio do espelho difere da que havia sido proposta por Freud com o termo narcisismo pois, Lacan faz uma crítica ressaltando que essa filosofia de “self-suficiência” é nada mais que uma ilusão de autonomia pois, todo o desenvolvimento da maturação psíquica depende de uma intermediação cultural que é representada pelo objeto sexual, cuja exemplificação se dá no próprio Complexo de Édipo.

### **Considerações Finais**

Em **Formulações sobre a causalidade psíquica** (1946) Lacan reafirma a influência do registro do imaginário para a constituição psíquica, ressaltando também que a mesma se dá mediante a relação entre o Eu e o social, dando força a premissa de que o processo subjetivo é, sobretudo, influenciado por questões sociais que são externas ao indivíduo.

No texto **A agressividade em psicanálise** (1948/1998b) Lacan discorre que “a agressividade em seu nível psíquico possui mais efeito que qualquer sevícia”. Isto é, a agressividade não representa necessariamente uma violência e não está ligada estritamente a seu nível físico, ela possui toda uma representação imaginária que pode cristalizar-se na

constituição psíquica do sujeito e é inerente ao ser humano e está presente em todas as fases do desenvolvimento psíquico.

Para Lacan (1948), a identificação narcísica é uma predisposição análoga à agressividade, tendo em vista que a imagem do outro confrontado passa a ser vista como um antagonista, gerando uma espécie de competição, pois a definição do que é do sujeito e do que é do outro não fica clara. Portanto, identificação e agressividade aparecem de maneira indissociada, cuja consequência se reflete no fato de que a relação do sujeito com o outro é “fundamentalmente agressiva”, mesmo nas formas culturais e na sublimação. Assim, a agressividade é constitutiva do eu.

Nesse mesmo texto, Lacan (1948/1998b) retoma o estádio do espelho no que tange a identificação constitutiva do sujeito com o outro, afirmando que:

“ [...] é numa identificação com o outro que ela vive toda a gama das reações de imponência e ostentação, cuja ambivalência estrutural suas condutas revelam com evidência, escravo identificado com o déspota, ator com o espectador, seduzido com o sedutor. Há nisso uma espécie de encruzilhada estrutural onde devemos acomodar nosso pensamento, para compreender a natureza da agressividade no homem e sua relação com o formalismo de seu eu e de seus objetos. Essa relação erótica, em que o indivíduo humano se fixa numa imagem que o aliena em si mesmo, eis aí a energia e a forma donde se origina a organização passional que ele irá chamar de seu eu. ”

Portanto, é possível observar também que há uma mudança significativa de perspectiva entre os textos do “Jovem Lacan” pois, no texto **Os Complexos Familiares** as ideias perpassam um campo que está relacionado a uma dimensão cultural e social, já no texto **A Agressividade na Psicanálise** ele inicia a ideia de função paterna e agressividade como estrutura psíquica – retomando sua universalidade.

É a partir das leituras das obras citados em tópico anterior de Freud e Lacan que pode-se perceber que a agressividade está presente em todo o processo de desenvolvimento e constituição psíquica, cujas formas variam de acordo com seus determinados contextos culturais, sociais e históricos. Sendo assim, partindo do ponto de vista da agressividade como estrutura constante e presente, a sua relação com a contemporaneidade e o declínio social da imago e da função paterna é, por fim, superado.

## Referências

Bispo, F. S. *et al.* (2017). O que é um pai? A função paterna nos momentos iniciais do ensino de Lacan. *Psicologia Revista*, 26(1), pp. 81-108. Recuperado em 17/10/2022, de <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2017v26i1p.81-108>

Derrida, J. (1998). Carta a um amigo japonês. (E. Lima, Trad.). In Ottoni, P. (Org.). *Tradução: a prática da diferença*. (pp. 19-25). Campinas, SP: Unicamp/FAPESP. (Original publicado em 1987).

Derrida, J. (2005). *A farmácia de Platão*. (R. Costa, Trad.). São Paulo, SP: Iluminuras. (Original publicado em 1972).

Correia, A. C. R., Xavier, H. V. S., Lang, C. E. (2021). Leitores advertidos: desconstrução, psicanálise e leituras do retorno a Freud. *Tempo psicanalítico*, 53(2), pp. 21-51. Recuperado em 25/08/2022, de <https://tempopsicanalitico.com.br/tempopsicanalitico/article/view/523>

Figueiredo, L. C. M. (1999). *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo, SP: Escuta.

Izovich, L. (2016). A escolha das identificações 2011-2012. *Caderno de Stylus*, 4, pp. 1-128. Rio de Janeiro: AFCL. Recuperado em 06/10/2022, de [https://issuu.com/epfclbrasil/docs/caderno\\_de\\_stylus\\_4\\_v4](https://issuu.com/epfclbrasil/docs/caderno_de_stylus_4_v4)

Lacan, J. (1998a). Formulações sobre a causalidade psíquica. In *Escritos* (pp. 152-194). (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Original publicado em 1946).

Lacan, J. (1998b). A agressividade em psicanálise. In *Escritos* (pp. 104-126). (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Original publicado em 1948).

Lacan, J. (1998c). O estádio do espelho como formador da função do eu. In *Escritos* (pp. 96-103). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Original publicado em 1949).

Lacan, J. (2008). *Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia*. (2a ed.). (M. A. C. Jorge, P. M. Silveira Júnior, Trads.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Original publicado em 1938).



Navarro, P. R. (2011). El imaginario, narcisismo y agresividad en psicoanálisis: del joven Lacan a la violencia urbana. *Revista Affectio Societatis*, 8(14), pp. 2-17. Recuperado em 31/08/2022, de <https://revistas.udea.edu.co/index.php/affectiosocietatis/article/view/9513>

Pastre, J. L. (2006). Crítica aos fundamentos da psicologia de Politzer: psicanálise e psicologia concreta. *Educação Temática Digital*, 8, pp. 103-120. Recuperado em 02/09/2022, de <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0168-ssoar-74004>

Roudinesco, E. (1993). *La batalla de cien años: Historia del psicoanálisis en Francia Volume 2 (1940-1985)*. Madrid, ES: Editorial Fundamentos.

\_\_\_\_\_ (2008). *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. (P. Neves, Trad.). São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Roudinesco, E., Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Zafirooulos, M. (2002). *Lacan y las ciencias sociales. La declinación del padre (1938-1953)*. Buenos Aires, AR: Nueva Visión.